

Título do Projeto:

Dialética do Absoluto e suprassunção de paradigmas em Platão, Agostinho e Hegel

Manuel Moreira da Silva
DEFIL – UNICENTRO/PR

Resumo:

O problema tratado insere-se na perspectiva de uma filosofia do Absoluto e, como tal, na tradição platônico-hegeliana da Dialética. Desse modo, considerando-se a mudança de paradigma nas pesquisas sobre Platão, com Hans Krämer, assim como a verificação (operada por Giovanni Reale nos Diálogos platônicos) do paradigma proposto, designado sob a metáfora da “Segunda navegação”, e sua extensão a Santo Agostinho, sob a metáfora de uma “Terceira navegação”, procurar-se-á discutir justamente se tais metáforas, na medida em que pressupõem paradigmas metodológicos distintos entre si, não constituem a expressão de determinados paradigmas que, como tais, tanto histórica como especulativamente, podem caracterizar o processo lógico do desenvolvimento histórico da consciência filosófica e a objetivação da Idéia da Filosofia. Neste sentido, considerando-se a solução hegeliana do problema do método e estabelecimento de um princípio único de todo o sistema da filosofia, procuraremos estender justamente até Hegel a designação histórica de uma *metáfora das navegações em filosofia*, agora sob a denominação de “Quarta navegação”, entendida como expressão ou exemplo (Beispiel) de um *paradigma metodológico* determinado, o paradigma propriamente especulativo.

Palavras-chave: Paradigma metodológico, Platão, Agostinho, Hegel, Metafísica.

1. Introdução

Com o tema "Dialética do Absoluto e suprassunção de paradigmas" pretende-se tão somente uma primeira abordagem daquilo que Hegel, por oposição dialética ao "modo do ser", designou "modo do conhecer". Por "modo do conhecer" Hegel compreende o próprio método considerado como processo de determinação do conteúdo, que não é senão o ser ele mesmo enquanto em si e para si; o que, em última instância, pelo menos para Hegel, implica na passagem do ser, tomado apenas como em si e por si, ao conceito (ao ser tomado como em si e para si), ou, o que é a mesma coisa, da substância ao sujeito. Embora essa temática já tenha sido abordada sob diferentes ângulos, ainda não se discutiu o próprio ângulo do "modo do conhecer" enquanto tal; quer dizer, ainda não se discutiu com suficiente rigor os limites e o alcance do método especulativo hegeliano em função da própria constituição do sistema de Hegel - por conseguinte, também como paradigma constituinte do sistema da filosofia em sentido absoluto. Aqui, mais do que as relações de Hegel com a filosofia moderna, entra em jogo o próprio sistema da filosofia de Hegel, considerado como uma das formas da Filosofia

do Absoluto, com outros dois modelos exemplares e fundacionais da Filosofia do Absoluto como tal, a Dialética platônica e o Neoplatonismo cristão de Agostinho de Hipona.

Embora nem Platão nem Agostinho tenham discutido com suficiente clareza e consciência o problema do método e o elemento metodológico enquanto constituinte da respectiva doutrina filosófica, na medida em que cada um instaura com absoluta precisão e necessidade uma nova forma paradigmática da filosofia e do fazer filosófico em torno do Absoluto, ambos não só têm que também ser considerados sob o "modo do conhecer" como o próprio "modo do conhecer", por sua vez, tem que ser considerado em cada um deles. O único inconveniente para uma investigação desse tipo, até certo tempo atrás, constituía-se na quase absoluta inexistência de instrumentos adequados, tanto sob o ponto de vista da historiografia da filosofia quanto sob o ponto de vista puramente especulativo; porém, recentes descobertas, novas formulações de antigas chaves hermenêuticas, bem como acesso mais fácil, rápido, seguro e responsável de textos capitais da filosofia e de sua história, têm pelo menos criado condições para um manejo mais propriamente filosófico da questão do "modo do conhecer" nos modelos fundamentais da Filosofia do Absoluto; a saber, para o que pelo momento nos interessa, os modelos platônico, agostiniano e hegeliano. Todavia, mesmo que se aceite como pertinente a existência de um problema da determinação dos limites e do alcance do método especulativo em função da constituição do sistema de Hegel e seu caráter paradigmático em relação ao sistema da filosofia enquanto tal, assim como de problemas análogos em Platão e Agostinho, ainda não é possível afirmar com necessário rigor a prevalência nestes filósofos, e não em outros, de algo que não só os identifique como também possa distingui-los rigorosamente em relação aos outros filósofos em geral, bem como entre si em particular. De um lado, a questão que se impõe é justamente a de mostrar como, prospectivamente, a fundação de uma metafísica em Platão nos leva, mediante a transformação paradigmática da dialética platônica em Agostinho, à necessária refundação da Metafísica enquanto tal em Hegel; de outro, retrospectivamente, demonstrar que a necessidade da própria refundação funda-se ela mesma no reconhecimento da necessidade de se assumir em um plano mais elevado aquilo que, sob o ângulo do "modo do conhecer", outrora mostrou-se como determinação do Absoluto. Pois bem, se apesar de uma certa dificuldade, isto em geral mostra-se como perfeitamente demonstrável, sobretudo no que tange a elementos histórico-sistemáticos - o que inclusive já foi levado a cabo por diversos filósofos e historiadores da filosofia, alguns de origem hegeliana ou mesmo simpatizantes do hegelianismo, como por exemplo Edmund Zeller, Alexandre Kojève e, mais recentemente, Vittorio Hösle e Giovanni

Reale; o mesmo não se pode afirmar no caso particular de Platão, Agostinho e Hegel. Mas isto, embora pareça mostrar-nos o inverso, depõe justamente a nosso favor; do contrário, seja qual for o método ou o princípio hermenêutico utilizado, como seria possível a reconstrução da história da filosofia e/ou da própria filosofia, sobretudo em seus elementos histórico-sistemáticos basilares, sem a pressuposição de uma determinada estrutura paradigmática fundamental ou, pelo menos, de algum paradigma (constituente de tal estrutura) que não só funde uma tradição de pesquisa racional determinada mas ao qual também possam reportar-se outras tradições, mesmo que derivadas em relação à primeira?

Neste sentido, a hipótese de trabalho aqui levada a cabo consiste na consideração do elemento histórico-sistemático da filosofia e, por conseguinte, da história da filosofia como um efeito de seu elemento metodológico-especulativo que, como tal, não é senão o processo de mediação ou de determinação do conteúdo ontológico-metafísico presente praticamente em todas as formas de filosofia historicamente manifestas, mesmo naquelas que de um modo ou de outro negam a metafísica ou a filosofia em sentido absoluto. Trata-se portanto de uma redução dos diversos modelos histórico-sistemáticos, construídos ou determinados tão somente em vista do elemento histórico-sistemático, a certos paradigmas metodológico-especulativos precisamente determinados; o que se fará mediante e a partir do estabelecimento do conceito de *paradigma metodológico* na chamada filosofia especulativa pura ou Filosofia do Absoluto, bem como segundo a verificação de sua atualização no sentido da plena objetivação da Idéia da filosofia. Essa redução metodológico-especulativa não só é possível de ser realizada como, ainda que em parte, já o foi pelo menos intuída (de acordo com algumas aproximações fundamentais); a saber, de um lado, com a passagem crítico-especulativa do platonismo e do neoplatonismo em geral ao Neoplatonismo cristão de Agostinho em particular e sua interpretação contemporânea animada pelo "Centro di Ricerche di Metafisica" da *Università Cattolica del Sacro Cuore* de Milão. De outro, com a retomada hegeliana da dialética platônica e sua suprassunção no plano de uma filosofia do Absoluto de matriz joanina, tal como já o intentara realizar o próprio Agostinho, mas agora desenvolvida sob o modo de uma **Crítica de pressupostos** que, como tal, retomando também toda a filosofia moderna sob o ângulo da reforma leibniziano-wolffiana da Metafísica e a transformação dessa por Kant, de um lado em *Lógica transcendental* e de outro em *Metafísica da Liberdade*, critica os pressupostos da própria autoposição Absoluto enquanto determinidades formais nele simplesmente postas pela atribuição de predicados, bem como seu peculiar conteúdo e valor pressupostos nessa atribuição (deixados intactos pela crítica

kantiana, que de certo modo apenas repropõe o aspecto formal do elemento negativo-racional da dialética platônica). Enfim, embora seja possível (de um ponto de vista meramente aproximativo) passar de Platão a Agostinho ou de Platão a Hegel, não é evidente em nenhum dos casos o caráter necessário da conexão entre as passagens em questão; isto porque, no primeiro caso, não há elementos histórico-sistemáticos suficientemente objetivos que permitam passar de Agostinho a Hegel, o que implica em que, no segundo caso, não se possa aceitar como especulativamente fecunda uma possível mediação agostiniana entre a dialética platônica e a dialética hegeliana. O que, por fim, não somente justifica como também exige a redução dos diversos modelos histórico-sistemáticos a certos paradigmas metodológico-especulativos, que não são senão os próprios paradigmas fundados (ou transformados) por Platão, Agostinho e Hegel, os quais, se no plano histórico-sistemático aparecem como simples modelos entre outros, no plano metodológico-especulativo configuram-se enquanto verdadeiros paradigmas, pelo menos nos limites da Metafísica compreendida como uma filosofia do Absoluto de matriz genuinamente platônica.

Isto significa, portanto, que não são os paradigmas metodológico-especulativos que devem ser demonstrados a partir de modelos ou elementos histórico-sistemáticos e sim estes que tem que ser demonstrados a partir de paradigmas metodológico-especulativos fundamentais. Por isso, em relação ao que aqui nos interessa, podemos afirmar que tanto os hegelianos em geral fazem um uso pressuposto de tais paradigmas quanto o próprio "Centro di Ricerche di Metafisica" da *Università Cattolica del Sacro Cuore*, cujo trabalho não só é desenvolvido à luz de Giovanni Reale como também desenrola os elementos substanciais de sua interpretação de Platão e do platonismo em geral, bem como de Agostinho e do Cristianismo em particular. Ora, o uso pressuposto por Giovanni Reale do conceito de paradigma metodológico em geral e de um paradigma metodológico determinado em Platão e outro em Agostinho, por um lado, radica-se no fato segundo o qual ao estabelecer a necessidade da compreensão do mundo a partir das Idéias e dos primeiros e supremos princípios, Platão dá início à fundação e fundamentação da filosofia enquanto Metafísica, realizando assim o que ele próprio (cf. **Fédon**, 99 b-d) denomina "Segunda navegação". Esta "Segunda navegação", interpretada por Giovanni Reale, consistiria na tentativa de assumir em um plano lógico e ontologicamente mais elevado em relação ao plano meramente "físico" (portanto metafísico) não mais que a problemática relação entre o Uno e o Múltiplo (este agora melhor determinado enquanto Díade indefinida) como princípios primeiros e supremos de todas as coisas; o que, se em um primeiro momento e em cada caso, se faz pela admissão da Idéia como tal enquanto critério

(hipotético ou postulado) da verdade das coisas em questão, em um segundo momento faz-se pela passagem mesma disso que é postulado ou hipotético ao anipotético enquanto tal, o Uno propriamente dito ou, o que é a mesma coisa, o Bem. Por outro lado, segundo Reale (1994c, 607), quando da conclusão da “Segunda navegação”, já se iniciara e avançara bastante aquela que poderemos chamar a “Terceira navegação”, que para ele justifica-se nas palavras do próprio Platão (**Fédon**, 85c), segundo as quais, tratando-se dos assuntos que tocam os destinos supremos do homem, não é possível fazer senão uma dessas duas coisas: ou aprender de outros qual seja a verdade; ou então, se isto é impossível, aceitar, entre os raciocínios humanos, o melhor e mais difícil de refutar e *sobre esse, como sobre uma jangada, afrontar o risco da travessia do mar da vida*. Isto, ainda no dizer de Platão (ibid.: 85d), *a menos que se possa fazer a travessia de modo mais seguro, com risco menor, sobre uma embarcação mais resistente, isto é, confiando numa revelação divina*. Entretanto, para Reale (1994c, 607), “nem Platão nem nenhum grego teriam podido supor qual fosse a ‘embarcação mais resistente’ e ‘qual a travessia segura através do mar da vida’. Sob esse aspecto, a mensagem cristã se apresentava como a mais desconcertante, mais radical e mais avançada nas questões últimas; e justamente por essa razão foi a vencedora” [em relação ao embate com o Neoplatonismo pagão]. Neste sentido, ao contrário da "Segunda navegação", fundada no conceito de inteligência mediante as noções de raciocínio e postulado, pode-se dizer que a característica fundamental da “Terceira navegação” é o *filosofar na fé*, um modo de pensar assentindo que estimula e promove a inteligência; donde o reconhecimento, por Agostinho, de que sem pensamento não haveria a fé. Daí, no dizer de Reale (ibid.: 607-608), referindo-se evidentemente à passagem platônica acima citada, Agostinho dizer que ninguém pode atravessar o mar deste século se não é levado pela cruz de Cristo (cf. **In Ioannis Evangelium Tractatus**, II, 2.). Para Reale (1994c, 608), "é justamente essa que se realiza sobre o lenho da cruz que é a ‘terceira navegação.’”

Pois bem, esse uso das metáforas de "Segunda navegação" e "Terceira navegação" pressupõe justamente um conceito de paradigma metodológico, enquanto tal distinto dos paradigmas epistemológicos e hermenêuticos existentes, bem como, pelo menos ao nível de uma indicação metafórica, procura determinar um tal conceito, por um lado, mediante o pensamento ou a inteligência e, por outro, mediante o místico ou segundo a fé revelada. Ora, o paradigma expresso pela metáfora da "Segunda navegação" intenta suprasumir o paradigma designado por Giovanni Reale mediante a metáfora da "Primeira navegação", que se justifica por ser-lhe anterior e ao qual imediatamente ele se opõe; isso, pelo fato desse

paradigma expresso pela metáfora da "Primeira navegação" consistir numa investigação de tipo "físico", voltado pois para a consideração das realidades físicas e/ou para o ser tomado como tal, isto é, no sentido da própria *Physis*. Da mesma forma, pode-se afirmar a pertinência de um quarto paradigma fundamental que tem por tarefa suprassumir justamente a oposição não resolvida entre os paradigmas da "Primeira navegação" e da "Segunda navegação" (entre o "modo do conhecer" físico e o metafísico), bem como entre a "Segunda navegação" e a "Terceira navegação" (entre um "modo de conhecer" fundado na razão e outro fundado na fé revelada); o que implica de modo necessário a instauração de um paradigma propriamente especulativo como verdadeira suprassunção da oposição não resolvida nos limites do paradigmas anteriores. O problema é que o próprio Hegel, cuja filosofia consiste sobretudo na explicitação do elemento especulativo como sendo senão um paradigma pelo menos o princípio fundamental de toda a filosofia, não parece ter tido plena consciência dos limites e do alcance de um tal princípio para a resolução do problema da fundação e fundamentação metodológico-especulativa do elemento histórico-sistemático e dos diversos modelos filosóficos dele derivados. O que se justifica pelo fato mesmo de além do especulativo mostrar-se na natureza e na história, em vista de constituir-se como aquilo que Hegel chama de propriamente "positivo-racional", ele retoma e desenvolve criticamente tanto a dialética de Platão quanto o "filosofar na fé" de Agostinho, mesmo que este último o seja tão somente de maneira implícita e de um modo assaz indireto. Isto é, sem nenhuma referência às obras fundamentais do Bispo de Hipona mas no mesmo espírito desse, no sentido de elevar a própria fé, do mero *saber immediato* que ela é, ao *saber absoluto* que a consciência a si mesma tem que se dar descobrindo-se como a Atualidade propriamente dita do Espírito, mediante a qual ele reconhece-se como Espírito absoluto.

Por isso, com a determinação do tema aqui proposto mediante o título "Dialética do Absoluto e suprassunção de paradigmas em Platão, Agostinho e Hegel" pensamos estar plenamente demonstrada pelo menos a pretensão de uma primeira abordagem do "modo do conhecer" na Filosofia do Absoluto no sentido da constituição "sub specie totalitais" dos paradigmas metodológicos fundamentais da Metafísica tomada como filosofia especulativa pura. Isto é, tanto da constituição puramente especulativa do conceito de paradigma metodológico em filosofia quanto de sua atualização na própria história da filosofia mediante o mostrar-se de sua autodeterminação nos paradigmas metodológico-especulativos de Platão, Agostinho e Hegel; os quais, considerados respectivamente nos limites do "puro pensamento", do "místico" e do "especulativo", constituem a estrutura mesma de todo o fazer-se lógico-real do

Absoluto e em torno do Absoluto como tal. Como isso parece-nos plenamente demonstrável, pelo menos nos limites desse projeto de pesquisa, pensamos no decorrer da pesquisa propriamente dita não só demonstrar os modelos hegeliano, platônico e agostiniano enquanto modelos exemplares e fundacionais da Filosofia do Absoluto como tal, mas também que a própria atualização da Idéia da Filosofia, "sub specie aeternitatis", dá-se mediante uma tal paradigmática estrutura metodológico-especulativa "sub specie totalitatis".

2.Contextualização

Sucintamente, abordar o tema de forma a identificar a situação e o contexto no qual a proposta se encontra permitindo uma visualização situacional (macro) do problema.

Trata-se de estabelecer o conceito de *paradigma metodológico* em filosofia, mais precisamente em Metafísica, bem como verificar em que medida um tal conceito pode atualizar-se no sentido da plena objetivação da Idéia da filosofia; isto, pelo menos no que tange à tradição platônico-hegeliana da Dialética do Absoluto, tradição essa cujo mediador necessário, mas nem sempre reconhecido, é Agostinho de Hipona. Embora seja de conhecimento público a diferença entre a dialética platônica e a de Hegel, sobretudo em relação ao caráter meramente negativo-racional da primeira e ao elemento positivo-racional da segunda, bem como à matriz neoplatônica da dialética hegeliana, não se têm ainda observado com o mínimo de rigor necessário a identidade do ponto de partida e do problema fundamental tanto da filosofia de Hegel quanto da de Agostinho; o que pode ter ocorrido tão somente em vista da inexistência de instrumentos satisfatórios quer no plano da historiografia da filosofia quer no plano da própria produção filosófica. Neste sentido, considerando a continuidade da perspectiva agostiniana em René Descartes, tal como proposta entre outros por E. Gilson, e o desenvolvimento dos problemas deixados em aberto pelo cartesianismo até Hegel, bem como pelo menos a tentativa de resolução de tais problemas por este filósofo, sobretudo na **Ciência da Lógica**, verificar-se-á em que medida o conceito de *paradigma metodológico* em Metafísica pode atualizar-se no sentido da plena objetivação da Idéia da filosofia. Feito isso, buscar-se-á exemplificar a prevalência ou não do conceito de *paradigma metodológico* na esfera do real e nas obras fundamentais dos filósofos acima mencionados, sobretudo no que diz respeito à fundação e à refundação da Metafísica como filosofia especulativa pura.

2.1. Problema

Afunilar a visão macro do tema identificando claramente o problema que será tratado, delimitando aspectos ou elementos que serão abordados. A que perguntas pretende-se responder?

Passando por alto, para ser breve, pela recente disputa em torno de como Platão deve ser interpretado, que para nós é uma questão externa à obra platônica, tomaremos aqui como ponto de partida o problema propriamente platônico do estabelecimento, mediante a chamada metáfora da "Segunda navegação", de um novo paradigma metodológico em filosofia em contraposição ao antigo paradigma metodológico pré-socrático, nomeado por sua vez como "Primeira navegação". Embora esta seja uma designação recente, pois ao que parece a própria escola platônica não a tomou no sentido técnico em que hoje em dia vem sendo empregada, a metáfora da "Segunda navegação" tornou-se rapidamente ponto pacífico entre os estudiosos, pelo menos quando se refere à passagem da investigação filosófica de um plano meramente físico para um plano propriamente metafísico; o que, de certo modo, justificou a extensão da própria noção mais geral de "metáfora das navegações em filosofia", no sentido de uma "Terceira navegação", primeiro a Santo Agostinho, por Giovanni Reale, e logo depois a Santo Tomás de Aquino, por Vittorio Possenti. Da mesma forma, o uso implícito de uma tal noção mais geral de "metáfora das navegações em filosofia" também pode e mesmo deve justificar sua extensão a G. W. F. Hegel, e isto pelas razões aduzidas a seguir.

De acordo com Reale (1994a, 37), no aprofundar em todas as direções uma problemática prevalentemente ética, cujo ponto de partida foi exatamente da posição à qual Sócrates chegara, Platão compreendeu a necessidade de reavaliar as instâncias da filosofia da *physis*: entendeu que a justificação última da ética não pode provir dela própria, mas somente de um conhecimento do ser e do cosmo do qual o homem é parte (ibid.). Ora, para se ir além da mera constatação das insuficiências da filosofia pré-socrática, Platão (**Fédon**, 99 e-100 a) julgou necessário estabelecer um novo método, cuja primeira fase, como afirma Reale (1994a, 56), consistia em tomar por base o postulado mais sólido que consiste em admitir as realidades inteligíveis (as Idéias) como “causas verdadeiras”, considerando assim como verdadeiras as coisas que estão de acordo com este postulado e como não-verdadeiras aquelas que não estão de acordo com ele e, acrescenta Reale (ibid.), em rejeitar todas as realidades físicas que erradamente são tidas como “causas verdadeiras”. Para justificar tal postulado, e assim

defendê-lo de possíveis objeções, Platão afirma que é necessário buscar um postulado ainda mais elevado e proceder dessa maneira até que se obtenha o postulado adequado, isto é, o exato postulado que não tem mais necessidade de nenhum outro (ibid.). Este é justamente o postulado dos princípios primeiros e últimos, que são o “Uno” e a “Díade indefinida”. Tal é o que foi chamado pelo próprio Platão (**Fédon**: 99 d) de “Segunda navegação” e que Reale tenta mostrar como constitutivo não só da filosofia platônica, mas também da de Aristóteles, do Médio-platonismo e do Neoplatonismo, inclusive do Neoplatonismo cristão que, a partir de Agostinho, intenta sua ultrapassagem filosófica mediante o que o próprio Reale tem chamado de "Terceira navegação".

Essa "Terceira navegação" consiste num entrelaçamento estrito e, portanto, numa dependência estrutural entre fé e razão que, como tal, é mediada pela noção de interioridade, considerada como a consciência de si do Eu concreto enquanto ele mesmo descobre dentro de si a presença de Deus, tornando-se assim capaz de compreender o próprio fazer-se Homem de Deus, bem como sua própria manifestação no mundo e seu retorno a si mediado pela figura de Cristo. Mas a esta concepção agostiniana de uma "Terceira navegação", segundo a qual ninguém pode atravessar o mar deste século se não é levado pela cruz de Cristo (cf. **In Ioannis Evangelium Tractatus**, II, 2.), Vittorio Possenti contrapõe uma outra, segundo ele propriamente filosófica (cf. Possenti: 1998, 322), empreendida tão somente a partir de Tomás de Aquino e fundada mediante o "aprofundamento na compreensão do todo e uma reestruturação dos conceitos regentes aplicáveis (*impiegati*) ao escopo e sintetizáveis nos quatro núcleos temáticos a seguir (ibid.: 320):

- 1) - A descoberta da dupla composição metafísica no existente finito (composição de matéria e forma, e de essência e ato de ser/esse);
- 2) - A doutrina do ser como *actus essendi*;
- 3) - A doutrina da distinção real entre essência e existência no, e da sua coincidência em Deus;
- 4) - A determinação do supremo nome de Deus como *esse ipsum per se subsistens*.

Do ponto de vista propriamente metafísico, Possenti justifica sua posição afirmando que "nem a ontologia de Platão, que se volta para a Idéia, nem a de Aristóteles, que se detém na composição matéria-forma, alcançam o centro da estrutura metafísica do real, porque carecem da composição última e mais profunda, aquela entre essência e ato de ser" (ibid.: 321). Ora, praticamente não há disputa quanto ao teor histórico-sistemático de uma tal assertiva, mesmo que se objete algo em relação à parcialidade com que Possenti a mobiliza, deixando

justamente o influxo da doutrina da potência e do ato na formulação tomásica da teoria da essência e do ato de ser; o que faz problema consiste sobretudo em que o conteúdo mesmo da justificativa de Possenti não parece dar conta do conteúdo lógico-real expresso na metáfora de uma "Terza navigazione" no sentido em que ele a reivindica. O que se torna mais grave pelo fato de, entre outras coisas, ele mesmo não levar em conta a doutrina platônica da mistura eterna (que, no plano do inteligível, acontece desde sempre e para sempre) como um "caminhar para o ser" (γενεσις εις ουσιασιν) cuja medida não é senão o próprio Absoluto, o qual "inclui em si não apenas o Bem em sentido finalista, mas também o Belo e, portanto, um princípio de ordem e proporção e constitui a causa primeira do seu existir concreto e a norma de sua mistura exata" (Pohlenz: *Der hellenische Mensch*, apud Reale: 1994 a, 122). Da mesma forma, Possenti faz uma leitura um tanto parcial da passagem do **Fédon**, 85 c-d, na qual, logo após falar do destino das almas e da função da filosofia¹, Platão afirma que "em suma, tratando-se de tais argumentos, não há mais que uma coisa a fazer dentre estas três: ou aprender de outros qual seja a solução, ou encontrá-la por si, ou, se isto não é possível, acolher dentre os raciocínios humanos não outro que o melhor e o menos refutável, e, deixando-se levar como sobre uma jangada, atravessar assim, a próprio risco, o mar da vida, salvo que não se esteja em condições de fazer o trajeto mais segura e menos perigosamente sobre uma embarcação mais sólida, confiando-se a uma revelação divina"². O mesmo ocorre com a sua interpretação da retomada agostiniana da metáfora de Platão, porém, segundo Possenti (1998, 322), individuando "na cruz de Cristo não mais a jangada mas a sólida nave para atravessar o mar da vida e chegar a um porto seguro, aquele porto do além que é o lugar último do destino humano".

Possenti limita a metáfora platônica ao nível estrito de uma "ricerca umana" e a de Agostinho ao também estrito plano da "fede transcendente del cristianesimo" (ibid.); com isso, ela pensa poder dizer que embora "não seja ilegítimo ver um possível reenvio a uma 'terza navigazione'", nessa linha interpretativa, que é a sua, "Segunda navegação" e "Terceira navegação" estariam em descontinuidade e sobre planos diversos, donde, por fim, sua proposição de uma "terza navigazione" estritamente filosófica (ibid.). Ora, em primeiro lugar, "Segunda navegação" e "Terceira navegação" não precisam estar em continuidade e nem

¹ A saber, quando, na segunda parte do Fédon (69e-84b), no segundo momento do aprofundamento da prova (preparatória) da imortalidade da alma (80e-84b), discute acerca dos níveis de purificação como condições para os diferentes destinos das almas (ibid.: 80e-82c) e estabelece o modo da demonstração verdadeira, exortando à necessidade da vida segundo o espírito (ibid.: 82c-84b), que se dá justamente a partir do reconhecimento e da elevação à "Segunda navegação".

² Traduzido aqui a partir da citação de Vittorio Possenti (1998, 321-322) da edição italiana de M. Valgimigli.

sobre o mesmo plano, do contrário seriam a mesma navegação e não navegações distintas; em segundo lugar, não é verdade que a "Terceira navegação" agostiniana não seja ela também filosófica, sendo esta não mais que o reconhecimento da necessidade da mudança de embarcação e a justificativa do modo como é possível à "ricerca umana" elevar-se verdadeiramente à sabedoria divina, o que entre os próprios gregos constituía-se como o problema e o motivo fundamental da filosofia e do modo de vida filosófico; em terceiro lugar, os elementos mobilizados por Vittorio Possenti, para fundamentar o seu ponto de vista, ou terminam por apresentarem-se como unilaterais e insuficientes e portanto implicam na retomada do que ele próprio nega ou resultam de uma incompreensão do próprio escopo e método da Metafísica propriamente dita de Tomás de Aquino, bem como, nos dias de hoje, da de Jacques Maritain. O que vale por si só, mesmo que em alguns pontos determinados, as obras desses autores possam dar razão a Possenti.

De qualquer modo, para se falar de uma "Terceira navegação" em Tomás de Aquino, que além de nunca ter-se utilizado dessa expressão jamais discutiu a relação entre a metáfora platônica da "Segunda navegação" e a referência à revelação divina, instaurando a partir daí, em sentido especulativo, tal como o fez Agostinho, sua própria concepção filosófica ou, de modo mais rigoroso, filosófico-teológica, torna-se necessário falar não só daqueles núcleos temáticos acima discutidos, mas também do *modo* mesmo como eles vieram a integrar o objeto da reflexão tomásica, o que implica em reconhecer tanto o lugar de Platão, Aristóteles e Avicena, de um lado, e, de outro, o de Agostinho; razão pela qual poderíamos falar mais propriamente da verificação da "Terceira navegação" na obra do aquinatense. Isto porque, mais do que falar de progresso em filosofia, como o faz Possenti (ibid.: 299-316) para justificar a existência de uma "Terceira navegação" em Tomás de Aquino e a sua retomada atual, sobretudo no sentido dos modelos histórico-sistemáticos mediante os quais a própria Filosofia se apresenta no tempo e na história, não só é possível, mas também necessário, falar de progresso da consciência filosófica, por conseguinte, de um processo imanente ou lógico-real, portanto mostrando-se também de modo histórico-sistemático no tempo e na história, da determinação metodológico-especulativa da Idéia da Filosofia; o que independe de um progresso empírico-real tal como aquele que, segundo alguns, ocorre nas ciências particulares e/ou, com mais propriedade, na passagem de uma estrutura fenomênica a outra quando de sua determinação na objetividade como objetos de tais ciências. Se, portanto, o que está em jogo é o progresso da consciência filosófica e não o progresso da filosofia ela mesma, então, de algum modo, torna-se possível não só uma harmonização do modo como o elemento

metodológico-especulativo comparece nas filosofias de Agostinho e de Tomás de Aquino, mas também o rastreamento das tentativas de resolução do problema da descontinuidade e da diversidade de planos entre a "Segunda navegação" platônica e a "Terceira navegação" agostiniana, que, embora Possenti não tenha querido reconhecer, é também um problema deixado em aberto tanto por Tomás de Aquino quanto por toda a história da filosofia até o advento da retomada hegeliana da filosofia do Absoluto a partir de sua dupla matriz greco-cristã, ou, a um tempo, platônico-joanina, tal como em sua época Santo Agostinho já intentara, e o seu desenvolvimento rigorosamente no âmbito do elemento especulativo, outrora considerado como o místico ou, mais simplesmente, o próprio pensamento enquanto em si e para si³. O que, mais precisamente, no que diz respeito ao elemento histórico-sistemático, significa mostrar como a fé, sobretudo a fé revelada ou transcendente do Cristianismo, constitui-se enquanto um *saber imediato* que, como tal, se identifica com a filosofia apenas do ponto de vista do seu conteúdo e que, por isso mesmo, do ponto de vista da forma, tem que ser desenvolvida ao *Saber absoluto* (que é o saber do espírito na sua relação mediatizada consigo mesmo), mediante a elevação da consciência natural ou do espírito finito ao seu próprio reconhecimento enquanto autoconsciência e/ou Espírito absoluto.

No caso dessa interpretação histórico-sistemática estar corretamente fundada e o paradigma metodológico-especulativo a ela imanente poder ser adequadamente explicitado, demonstra-se pelo menos a possibilidade da suprassunção tanto da descontinuidade e da diferença de planos entre a "Primeira navegação" e a "Segunda navegação" quanto entre a "Segunda navegação" e a "Terceira navegação", tornando-se portanto necessário reconhecer a Idéia de uma "Quarta navegação". Ou, o que é a mesma coisa, de uma estrutura paradigmática fundamental que, embora "sub specie aeternitatis" só possa ser pressuposta seja intuitiva seja analogicamente, "sub specie totalitatis" pode ser plenamente desenvolvida a partir de seu substrato ontológico-metafísico mediante determinações metodológico-especulativas que se mostram no tempo e na história segundo modelos histórico-sistemáticos exemplares. O que, por fim, não só torna plausível a existência objetiva de um conceito metafísico de *paradigma metodológico* em filosofia, bem como, por conseguinte, permite-nos verificar em que medida um tal conceito pode atualizar-se no sentido da plena objetivação da Idéia da filosofia.

³ Cf. Hegel, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)**, § 82, adendo. Aqui, na edição brasileira de Paulo Meneses e José Machado> São Paulo: Loyola, 1995, pp. 167-169. Veja-se também, a respeito, a carta de Hegel a Windischmann (de 23 de agosto de 1823), em **Hegel Correspondance III**. Trad. Jean Carrere. Paris: Gallimard, 1967, p. 29.

2.2. Relevância ou justificativa

Justificar técnica, científica e socialmente a proposta. Arrolar e explicitar argumentos que indiquem que a pesquisa é significativa para a comunidade universitária e regional, ou seja, demonstrar o alcance dos possíveis resultados da pesquisa.

O estabelecimento do conceito de *paradigma metodológico* em Metafísica e a verificação de sua atualização da Idéia da Filosofia constitui uma reviravolta na disciplina que, depois de Hegel e da autonomização da lógica formal, tem sido designada como *Lógica da filosofia*. Pensada a partir da idéia de mudança de paradigma nas ciências contemporâneas em geral, depois de Thomas Kuhn, e da mudança de paradigma nas pesquisas sobre Platão em particular, com Hans Krämer, assim como a partir de sua verificação nos Diálogos platônicos, por Giovanni Reale, sob a metáfora da “Segunda navegação” e de sua extensão a Santo Agostinho, sob a metáfora de uma “Terceira navegação”, uma tal reviravolta nos leva a questionar justamente se a **Ciência da Lógica** de Hegel não promoveria uma suprassunção dos paradigmas metodológicos representados por estas metáforas e, assim, estabeleceria uma “Quarta navegação”, aquela que implica na passagem ao plano especulativo. Prova disso é a evidência histórica e sistemática da permanente Atualidade da obra hegeliana, fato sempre confirmado pelo seu diálogo vivo com as filosofias do passado e do presente.

Até aqui, a continuidade da perspectiva agostiniana em René Descartes, bem como o desenvolvimento dos problemas deixados pelo cartesianismo até Hegel e a resolução de tais problemas por este filósofo, sobretudo os problemas do método e do princípio único do sistema da filosofia, não foram ainda esclarecidos no que diz respeito aos paradigmas metodológicos fundamentais mediante os quais as diversas correntes filosóficas procuraram desenvolver suas estratégias de fundamentação. A extensão da metáfora das navegações em filosofia como expressão de certos paradigmas metodológicos até Hegel, sob a metáfora da “Quarta navegação”, na medida em que permite o melhor esclarecimento e a fundamentação, nos limites de uma verificação da sua realização histórica, da leitura e da retomada da **Ciência da Lógica** de Hegel enquanto *Crítica de pressupostos* e estabelecimento de uma *Metodologia especulativa* como ciência das determinações do método tomado enquanto automovimento do conteúdo e consciência de si mesmo de um tal automovimento, também permitirá esclarecer o que diz respeito aos paradigmas acima referidos. Por fim, a prevalência ou não de tais paradigmas na esfera do real (sobretudo no campo da formação do espírito) e nas ciências particulares [como por exemplo na cosmologia contemporânea e na resolução da

crise (respectivamente negação e perda) dos fundamentos metafísicos das ciências naturais e das ciências humanas], bem como da *metodologia especulativa* na explicitação dos mesmos, poderá constituir-se pelo menos como um parâmetro para se repensar a relação entre o pensamento e a realidade e entre a filosofia e as ciências particulares.

2.3. Objetivos

Indicar clara e exatamente o que se quer fazer, que metas quer alcançar podendo desmembrá-las em gerais e específicas

OBJETIVO GERAL:

Estabelecer a existência objetiva de um conceito metafísico de *paradigma metodológico* em filosofia, bem como verificar em que medida um tal conceito pode atualizar-se no sentido da plena objetivação da Idéia da Filosofia;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1 – Demonstrar a existência de uma estrutura paradigmática fundamental que é tão somente pressuposta "sub specie aeternitatis", mas plenamente desenvolvida "sub specie totalitatis" a partir do elemento ontológico-metafísico mediante determinações metodológico-especulativas que se mostram no tempo e na história segundo modelos histórico-sistemáticos exemplares;
- 2 – Explicitar o caráter propriamente dialético (portanto nem somente a priori nem apenas a posterior) do elemento metodológico-especulativo tal como comparece em Platão, Agostinho e Hegel de modo a constituir em cada um desses filósofos determinações metodológico-especulativas fundamentais da Idéia da Filosofia, expressas sob as designações metafóricas de "Segunda navegação", "Terceira navegação" e "Quarta navegação".

2.4. Revisão bibliográfica ou embasamento teórico

Subsidiar cientificamente a proposta apresentando comentários de trabalhos realizados na área de enfoque da pesquisa. O objetivo é mapear o universo de discussões teóricas no qual o problema da pesquisa se encontra.

A investigação aqui proposta em torno do tema "Dialética do Absoluto e supressão de paradigmas em Platão, Agostinho e Hegel" insere-se na perspectiva aberta por Konrad Gaiser e Hans Krämer em fins da década dos 50 do século XX. Tal discussão tomou forma sobretudo

a partir da integração entre a chamada Escola de Tübingen, animada por Gaiser e Krämer, e a Escola de Milão, animada por Giovanni Reale, instaurada com a primeira edição completa da obra desse último intitulada **História da filosofia antiga**, em cinco volumes, entre 1975 e 1980, e com a primeira edição original (em italiano) da obra fundamental de Hans Krämer, intitulada **Platone e i fondamenti della metafisica**, em 1982, às quais seguem-se várias outras publicações originais ou traduções. Nessa esteira, em 1986, Reale publica **Para uma nova interpretação de Platão**, obra fundamental para toda a metafísica do platonismo, quer se concorde ou não com ela, e, em 1994, a título de introdução de **Amore assoluto e terza navigazione** (reeditado em 2002 pela Bompiani) um pequeno volume com dois textos de Santo Agostinho, desenvolve a noção de uma "Terceira navegação", já intuída entre 1975-1980 e desenvolvida sucintamente no quarto volume de sua **História da filosofia antiga**, como sendo a expressão de uma nova dimensão do pensar, no caso, indo além da própria concepção filosófica antiga, ou melhor, da grega em geral e da platônica e neoplatônica em particular.

Deixando de lado a discussão sobre a nova interpretação de Platão, mas aceitando os resultados da noção de "Segunda navegação" e da intuição de uma "Terceira navegação", a partir de 1987 entra em cena Vittorio Possenti, com a sua clarificação preliminar "dell'idea di terza navigazione" (cf. Possenti: 1998, 318, nota 01) e a reivindicação do seu desenvolvimento em Tomás de Aquino. Ao que retorna em 1991 (ibid.), no ensaio *Essere e intellectus. Una prefazione alla metafisica*, publicado em RFNS, n. 3, 1991, pp. 413-422, e em 1998, com a sua **Terza navigazione. Nichilismo e metafisica**, um empreendimento que, segundo o próprio Possenti, intenta uma retomada pós-moderna da filosofia do ser mediante a crítica e o abandono do niilismo teórico (cf. ibid.: 09). Para discutir esse novo empreendimento, a casa Armando Editore, no ano de 2000, organiza um volume, intitulado **La navicella della metafisica**, com as contribuições de vários pensadores em torno do debate aberto por Possenti em 1998 em torno do niilismo e da "Terceira navegação". Nesse debate, quanto ao que pelo momento nos interessa, salta aos olhos os problemas metodológico-especulativos acarretados por sua opção ontológico-metafísica, bem como a insuficiência e/ou um certo descaso no que diz respeito à compreensão dos modelos histórico-sistemático que informam a própria filosofia do ser.

Por fim, no que diz respeito à própria inserção da presente pesquisa na discussão sobre as metáforas de "navegação" em filosofia e a interpretação fundada no elemento metodológico-especulativo aqui proposta, há que se dizer algo sobre as contribuições bibliográficas até

agora produzidas pelo proponente. A primeira intervenção, portanto, data de 1994, com um artigo intitulado *Elogio do Silêncio*, que se conclui afirmando a tese segundo a qual "dos Gregos aos Pós-modernos, o que o exercício do Silêncio nos mostra não é mais o caminho universal que imperou até os modernos, mas o caminho singular da própria Razão. Razão essa em permanente crise por ser 'em-si-mesma' e 'para-nós' silenciosa" (cf. Silva: 1994, 38). Daí em diante, o autor tem tentado explicitar tanto esse "silêncio da Razão" quanto o "caminho singular" que a mesma tem percorrido, pelo menos após a chamada dissolução da filosofia de Hegel, cujo mérito maior foi justamente o estabelecimento do conceito de singularidade (ou de universalidade concreta) no sentido de uma determinação do Eu enquanto ele é relação de negatividade, ou, o que é o mesmo, "pura virtualidade à qual não se prende, mas onde se encontra porque ele mesmo lá se colocou" (cf. Hegel, 1997, § 07). Nessa linha, o proponente apresentou em Belo Horizonte, no "Colóquio Internacional Mimesis e Racionalidade", em abril de 1999, a comunicação intitulada *Estética e Metafísica no Sistema Hegeliano*, publicada em 2001 pela revista **Tempo da Ciência**, de Toledo/PR.

A essa altura tornavam-se claras para o autor as verdadeiras razões do "silêncio da Razão" e a necessidade de se desenvolver de modo rigoroso a sua singularidade; o que tomou a forma de uma dissertação de mestrado, defendida junto PPG em filosofia da FAFICH-UFMG em 2000, com o título **Método, Metodologia e Sistema: Da Ciência da Lógica enquanto Crítica de Pressupostos**, cuja proposta-síntese foi no mesmo ano apresentada no IX Encontro Nacional de Filosofia, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, e posteriormente (em 2001) publicada na revista **Varia Scientia**, de Cascavel/PR, sob o título *Uma leitura da Ciência da Lógica como crítica de pressupostos*. Prosseguindo isto que chama consideração metodológico-especulativa em torno das grandes questões da metafísica e, por conseguinte, também de sua história, apresenta duas comunicações a em torno desse assunto ainda em 2001, uma no "VI Simpósio de filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste," em Toledo, intitulada *A Poesia do Ser segundo Heidegger*, e outra no III Congresso Kant, em Itatiaia/RJ, com o título *Sistema e liberdade na "Crítica da Razão Pura Prática" de Kant*. Em 2002, com o aprofundamento de sua pesquisa em torno da filosofia hegeliana e sua relação com os outros modelos histórico-sistemáticos, apresenta os primeiros resultados do que passou a chamar o conceito de paradigma metodológico-especulativo e a sua expressão histórico-sistemática a partir da metáfora das navegações em filosofia, intuídas, mas não demonstradas pelos que as cunharam enquanto expressão de verdadeiros paradigmas metodológicos.

O que constituiu o teor do conjunto das comunicações intituladas *Crítica de Pressupostos e Metodologia Filosófica na Ciência da Lógica de Hegel e Hegel e a metáfora das navegações em filosofia como paradigma metodológico*, apresentadas no "VII Simpósio de Filosofia Moderna e contemporânea da Unioeste, em Toledo/PR. Nesse mesmo simpósio, apresentou-se também o mini-curso *Em que sentido se pode falar de uma transformação da Metafísica em Filosofia transcendental? Ou, da impossibilidade da Lógica transcendental kantiana constituir-se como Filosofia primeira*. Enfim, do mesmo modo, a comunicação *Crítica de Pressupostos e doutrina do Estado na Filosofia do Direito de Hegel* foi apresentada ao GT Matrizes Hegelianas da Crítica da Modernidade, no "X Encontro Nacional da Filosofia", da Associação nacional de Pós-Graduação em Filosofia.

2.5. Resultados/produtos esperados:

Elencar, de maneira precisa, os resultados e/ou produtos esperados com a execução da pesquisa.

RESULTADO PRIMEIRO

Constituição de uma doutrina filosófica dos paradigmas metodológico-especulativos em metafísica e de sua estrutura paradigmática fundamental;

RESULTADO SEGUNDO

Constituição de um método filosófico propriamente dialético capaz de alcançar e desenvolver o elemento metodológico-especulativo enquanto movimento das determinações fundamentais da Idéia da Filosofia, expressas sob as designações metafóricas de "Segunda navegação", "Terceira navegação" e "Quarta navegação".

[...]

2.9. Bibliografia:

Arrolar as referências bibliográficas utilizadas na elaboração do projeto de pesquisa bem como as que possivelmente serão utilizadas na execução do trabalho. Utilizar as normas de apresentação de trabalhos científicos da ABNT a fim de padronizar a listagem.

(OBSERVAÇÃO: Esta bibliografia é tão somente a elementar, por isso poderá sofrer alterações até o final da pesquisa)

AGOSTINO, Aurelio. **L'Amore assoluto e terza navigazione**. Trad. Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2000.

- _____. **Obras**. Trad. Teofilo Prieto et al. Madrid: BAC, 1955.
- ARISTÓTELES. **Obras**. Trad. Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1967.
- _____. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001. (3 Vols.)
- BEIERWALTES, Werner. **Agostino e il neoplatonismo cristiano**. Trad. Giuseppe Girgente e Alessandro Trotta. Milano: Vita e Pensiero, 1995.
- CIRNE-LIMA, Carlos R. V. A Lógica do Absoluto. In.: **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 20, no. 63, 1993. Pp. 499-532.
- CORTELLA, Lucio. (1995) – **Dopo il Sapere Assoluto. L’eredità hegeliana nell’epoca post-metafisica**. Milano: Guerini e Associati, 1995.
- DESCARTES, René. **Discurso do método; As paixões da alma; Meditações; Objeções e respostas; Cartas**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1987-1988.
- DOZ, André. **La logique de Hegel et les problèmes traditionnels de l’ontologie**. Paris: Vrin, 1987.
- HEGEL, G.W.F. **Sämtliche Werke**. Jubiläumausgabe in zwanzig Bänden. Faksimileverfahren neu herausgegeben von Hermann Glockner. Stuttgart: Frommans Verlag, 1959.
- _____. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. **Wissenschaft der Logik**. Erster Band: Die objektive Logik (1812/1813). Herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke. Hamburg: Felix Meiner, 1968. [Gesammelte Werke, Band 11].
- _____. **Wissenschaft der Logik**. Zweiter Band: Die subjektive Logik (1816). Herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke. Hamburg: Felix Meiner, 1981. [Gesammelte Werke, Band 12].
- _____. **Wissenschaft der Logik**. Erster Teil: Die objektive Logik. Erster Band: Die Lehre vom Sein (1832). Herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke. Hamburg: Felix Meiner, 1968. [Gesammelte Werke, Band 21].
- _____. **Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)**. Unter Mitarbeit von Udo Rameil. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Hans- Christian Lucas. Hamburg: Felix Meiner, 1992.
- _____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**. Trad. Paulo Meneses e Pe. José Machado. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).
- _____. **Hegel Correspondance III**. Trad. Jean Carrere. Paris: Gallimard, 1967.
- _____. **El concepto de religión**. Trad. Arsenio Guinzo. Mexico: FCE, 1992.
- _____. Esbozos sobre religion y amor. In. _____. **Escritos de Juventud** Trad. Zoltan Szankay y José María Ripalda. Mexico: FCE, 1984. (239-246).
- HÖSLE, Vittorio. (1984)- **Wahrheit und Geschichte. Studien zur Struktur der Philosophiegeschichte unter paradigmatischer Analyse der Entwicklung von Parmenides bis Platon**. Stuttgart-Bad Cannstatt, 1984.
- _____. **Hegels System. Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität**. Hamburg: Felix Meiner, 1988. 2 vols.
- _____. **Die Krise der Gegenwart und die Verantwortung der Philosophie**. München: Beck, 1997.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburguer. São Paulo: Abril Cultura, 1980.
- KRÄMER, Hans. **Platone e i fondamenti della metafisica**. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1987.

- _____. **Dialettica e definizione del Bene in Platone.** Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1989.
- LAKEBRINK, Bernhard. **Hegels dialektische Ontologie und die thomistische Analektik.** Köln: J.P. Bachem, 1955
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de – (1993) – Filosofia e cultura na tradição ocidental. In: **Síntese Nova fase**, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, 1993, (533-578).
- MERLAN, Ph. **Dal platonismo al neoplatonismo.** Milano: Vita e Pensiero, 1990.
- PESSANHA, José A. M. Dialética platônica e dialética hegeliana. In: **Revista Filosófica Brasileira**, Rio de Janeiro, v.4, n.3. Dezembro, 1988. Pp. 123-150.
- PLANTY-BOJOUR, Guy. Hegel et la dialectique selon les grecs. In: **Revue Internationale de Philosophie**. V. 139-140, fasc. 1-2: Hegel et la Dialectique, 1982.
- PLATON. **Obras completas.** Introduction a Platón por Jose Antonio Miguez. Madrid: Aguilar, 1969.
- _____. **O Banquete; Fédon; Sofista; Político.** Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- PLOTIN. **Ennéades.** Texte établi et traduit par Émile Bréhier. Paris: Belles Lettres, 1954.
- POSSENTI, Vittorio. **Terza navigazione. Nicilismo e metafisica.** Roma: Armando, 1998.
- PROCLOS. **Éléments de Théologie.** Traduction, introduction et notes par Jean Trouillard. Paris: Aubier-Montaigne, 1965.
- PUECH, Michel. (1990) – **Kant et la Causalité.** Paris: Vrin, 1990.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga.** V. 2. Platão e Aristóteles. Trad. Marcelo Perine e Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994a..
- _____. **História da Filosofia Antiga.** V. 4. As Escolas da Era Imperial. Trad. Marcelo Perine e Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994c..
- _____. **Para uma nova interpretação de Platão.** Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1997.
- SALOMON, Délcio V. **A maravilhosa incerteza.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SILVA, Manuel M. da. **Método, Metodologia e Sistema.** Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2000. (Dissertação de Mestrado, fotocópia).
- SOUZA, José Cavalcante de. (Cons.) – **Os Pré-Socráticos. Fragmentos, Doxografia e comentários.** Trad. José C. de Souza et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- THEUNISSEN, Michael. (1978) – **Sein und Schein: Die kritische Funktion der Hegelschen Logik.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1978.
- VOGEL, Cornelia J. de. **Ripensando Platone e il platonismo.** Trad. Enrico Peroli. Milano: Vita e Pensiero, 1990.
- _____. **Platonismo e cristianesimo.** Trad. Enrico Peroli. Milano: Vita e Pensiero, 1993.